

RESENHAS

HISTÓRIA SOCIAL E MENTALIDADES NA OBRA DE MANDROU

MANDROU, Mélanges Robert. *Histoire Sociale, sensibilités collective et Mentalités*. Paris, P.U.F., 1985, 582p.

Publicada em homenagem ao historiador francês Robert Mandrou, falecido em 1984, a coletânea *História Social, Sensibilidades Coletivas e Mentalidades* é uma amostra vibrante do itinerário diverso e fértil de um historiador.

Mandrou é mais conhecido entre nós, por um dos seus trabalhos sobre as relações entre a Magistratura e as perseguições à feitiçaria nos séculos XVI e XVII (tradução brasileira da Edit. Perspectiva, 1979) – apenas um entre os mais de doze livros publicados, sendo o mais importante um estudo notável da cultura popular na França do Antigo Regime, através da “biblioteca azul”: uma série de livretos distribuídos por bufarinheiros, que versavam sobre temas variados que iam desde feitiçaria até relatos de milagres, calendários, almanaques, livros de receitas ou versões dos contos de Perrault (*De La Culture Populaire aux XVII et XVIII siècles*, Edit. Stock, 1964). Isto para não falar de dois livros de síntese que produziu: um sobre o absolutismo europeu (*La Raison du Prince*, Edit. Marabout, 1977) e um outro, desmistificando a chamada “revolução científica” do século XVII (*Des humanistes aux hommes de science*, Edit. du Seuil, 1973).

A homenagem laudatória – comum em tais necrológios – praticamente não aparece nesta coletânea: são quarenta e cinco pequenos artigos da mais variada temática, toda ela entrecruzada com a obra de Mandrou. Destaque para a entrevista com Georges Duby onde se rememora a introdução do termo “mentalidades” e seus posteriores desdobramentos; e para o artigo de P. Joutard que refaz, com rigor de detalhes, todo o itinerário da vida e obra de Mandrou (pp. 8-33).

Itinerário, no mínimo, instigante: secretário de redação da revista *Annales*, a partir de 1954, aparentemente um legítimo herdeiro das propostas de renovação metodológica de Marc Bloch e Lucien Febvre, rompeu com a revista e, mais particularmente com a orientação que lhe imprimira Braudel, em 1962. Apesar de considerado, com Georges Duby, um dos iniciadores da história das “mentalidades”, Mandrou parece ter desenvolvido parte substantiva de sua obra à margem dos

“combates” de Febvre; menos convicto em cerrar fileiras contra o “positivismo”, negando-se em reduzi-lo ao ramerrão comum de “história tradicional”, situava a história das “mentalidades” não como referente à totalidade da história (como queria Febvre com seu ambivalente termo “civilização”) mas, como um campo de pesquisas no interior de uma história sociocultural. Leitor atento de Gramsci e de Goldmann, Mandrou não hesitaria mesmo em questionar os conceitos de ideologia/consciência de classes, num texto pouquíssimo divulgado de 1965 (*Classes et Lute de classes en France au début du XVII siècle*, Paris, Stock).

Tendo em conta esta perspectiva, o artigo de Michel Vovelle, discutindo se a história das “mentalidades” deveria se apoiar ou sobre dados da “história serial” ou sobre “estudo de casos”(pp.39-49) é, no mínimo, um falso dilema, que soa algo estranho a uma obra historiográfica como a de Mandrou, que soube evitar o conforto das presunções de cunho etnográfico.

O que, felizmente, encontrou alguns fiéis seguidores, como exemplifica o estudo de Rudolf Vierhaus, centrado nas relações entre a *Aufklärung* e o imaginário popular (pp.481-507), que nos faz ler com outros olhos as obras de Herder, visto comumente como um dos iniciadores da idéia de “caráter nacional”. Como sugere este último artigo, o gosto pelas tradições populares germânicas, já estava fortemente disseminado nos almanaques de circulação irregular e até, nos brevíários do pietismo luterano, antes de ser condensado e exposto pela pena erudita de Herder.

Lamentável que o tema do absolutismo, parte significativa de obra de Mandrou, não receba nesta coletânea nenhuma grande contribuição. Exceção feita a um estudo sobre a reação da monarquia de Luís XIV às revoltas húngaras no início do século XVIII (pp.527-538) e um trabalho, com um tema correlato discutindo a conceituação do processo histórico na obra de Alexis de Tocqueville (pp.371-381).

Em síntese, a coletânea tem o mérito de chamar nossa atenção para uma obra historiográfica pouca conhecida no Brasil e que, à margem das construções apressadas e ligeiras, lançou bases para algumas das mudanças mais significativas, ocorridas no ofício da História e do historiador, nos últimos vinte anos.

Elias Thomé SALIBA *